

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
FILMar – CHEGADA A BOM PORTO
13 de abril de 2024

KIMEN / 1973
"A Semente"

um filme de Erik Solbakken

Realização e argumento: Erik Solbakken (a partir do romance homónimo de Tarjei Vesaas) / **Fotografia:** Hans Nord / / **Montagem:** Edith Toreg / **Música:** Kåre Kolberg / **Interpretação:** Kjell Stormoen (Karl Li), Svein Sturla Hungnes (Rolv Li), Helge Jordal (Andreas Vest), Ragnhild Michelsen (Mari Li), Ragnhild Hilt (Else), Urda Arneberg (Kari Nes), Arne Lie (Dal), Tom Tellefsen, Helle Ottesen (Inga Li), Anne Marie Ottersen (Gudrun), Roy Bjornstad (Jens), Ivar T. Norve, Liv Thorsen, entre outros.

Produção: Norsk Film (Noruega) / **Produtor:** Ola Solum / **Cópia:** da National Library of Norway (Oslo), DCP, cor, 94 minutos, versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / **Estreia Mundial:** 28 de fevereiro de 1974 / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

Esta sessão decorre no âmbito do projecto FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, integrado no Mecanismo Financeiro de Apoio EEA Grants 2020-2024.

No princípio e no fim de **Kimen** há o mar enquanto horizonte incomensurável e lugar de infinitas possibilidades. O estranho passageiro que desembarca na ilha onde decorre todo o filme é uma figura exótica (desde logo pela indumentária mais formal e pela desconcertante resposta ao barqueiro sobre quando tenciona regressar), atormentada por terríveis visões que começam por contrastar com a tranquilidade insultar de um idílico dia do breve verão norueguês (**Kimen** foi inteiramente filmado em Bjergoy, ilha localizada num fjord da costa ocidental da Noruega) para insidiosamente se tornar no revelador de uma perturbação profunda que já lá estava de forma surda a marcar aquela paisagem e os seus habitantes. Será pouco depois da maldição anunciada pela terrível sequência do nascimento dos leitões e da porca que devora os seus filhos que a tragédia se irá instalar, sem nunca se esclarecer a origem do Mal que parece contaminar os pensamentos e os gestos de todos (e no qual a sexualidade, mais reprimida do que explícita, terá um quinhão não despiendo de responsabilidade).

Na origem do argumento de **Kimen** há um romance com o mesmo título, escrito em 1940, por um importante nome das letras norueguesas, Tarjei Vesaas (1897-1970), traduzido em várias línguas (em Portugal é possível encontrar apenas a edição do seu *Noite de Primavera*) e várias vezes adaptado ao cinema no seu país. Autor de uma obra marcada pela alegoria e por um sentimento trágico, Vesaas parece ter assimilado as maiores catástrofes do século XX numa visão pessimista da natureza humana e do seu destino sobre o pano de fundo de um quotidiano ordinário onde a estranheza e a irracionalidade se instalam de forma difusa. O primeiro desafio de Erik Solbakken na transposição do livro de Vesaas seria o de conseguir dar expressão cinematográfica a tão evanescente matéria literária. Aquilo que o romance conterà como sugestão de uma atmosfera malsã – teria que, na arte mais concreta do cinema, transformar-se em imagens e sons que fossem capazes de explicitar esse ambiente

perturbador preservando o seu mistério. Não se pode dizer que o desafio tenha sido completamente vencido. Solbakken mostra-se hábil na instalação do tal ambiente (a inspirada utilização da assombrada música criada por Kåre Kolberg é um bom exemplo), mas menos competente em dar-lhe uma verosimilhança narrativa mais consistente, o que acaba por limitar o alcance desta alegoria sobre a paranoia que corrói o coração de uma comunidade aparentemente tranquila. É pertinente recuperar a fundamentação do Júri Ecuménico que atribuiu a **Kimen** uma Menção Especial no Festival de Locarno de 1974, a qual traduz um sentimento de admiração pelo filme sem deixar de ver as suas fraquezas: "O filme retrata de forma honesta a situação de um grupo insular de pessoas que se deixou levar à violência excessiva, resultante de um súbito desaparecimento da sensibilidade e dos valores humanos. Mostra de forma realista, com conotações alegóricas, a importância da responsabilidade social e do respeito pelos direitos do indivíduo. Apesar de uma certa fragilidade na estrutura, este é um primeiro trabalho promissor". Promessa não cumprida já que na breve carreira de Solbakken no cinema, este primeiro filme de longa-metragem terá sido também o seu ponto mais alto.

Comparando com outros filmes com uma premissa tão "irrealista" quanto este e provenientes da mesma passagem dos agitados anos 1960 para os de 1970 (por exemplo, um filme sobre outra "semente" diabólica, o **Rosemary's Baby** de Roman Polanski) percebe-se que parte da experiência do desconforto que o filme provoca vem menos da sua capacidade de sugestão e mais da dificuldade em conseguir colocar os espectadores e as personagens no mesmo nível de conhecimento sobre as situações mostradas, algo essencial para que a paranoia fosse tão efectiva para uns como para outros. Ao evitar a excessiva literalidade do cinema, talvez Solbakken tenha levado demasiado longe a manutenção da opacidade do romance. A culpa colectiva que consome as personagens de **Kimen** acaba por morrer solteira já que o espectador fica como único inocente.

No final inevitavelmente aberto deste filme, enquanto aguardamos a chegada do barco que traz (mas trará mesmo?) a possibilidade do regresso à ordem na ilha, o mistério adensa-se ainda mais nas últimas frases de diálogo (tão enigmáticas como várias outras ao longo de **Kimen**). A catarse e a purificação, caso cheguem, ficam para depois do genérico de fim. *Slutt.*

Nuno Sena